

## **EXPERIÊNCIAS DE FOLKJORNALISMO EM O FUZUÊ: <sup>1</sup>** Um espaço de produção experimental para estudantes de Jornalismo do interior de Mato Grosso

Maria Tereza Ferreira Cunha<sup>2</sup>  
Julian Silva Souza<sup>3</sup>  
Lawrenberg Advíncula da Silva<sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho busca discutir as experiências dos alunos do curso de bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado do Mato Grosso, do *Campus* de Tangará da Serra. Utilizando um portal de publicações coletivas, o blog experimental Fuzuê, apresenta-se possibilidades de desenvolvimento de uma prática jornalística menos normativa, sobretudo à luz da relação entre Jornalismo e Folkcomunicação (2021). A hipótese é que canais de (folk)comunicação como o blog constitui uma ação de resistência e fortalecimento do jornalismo independente, local e para os grupos considerados culturalmente marginalizados (Beltrão, 1980; Silva, 2022), assim que permite modos de fazer jornalístico mais experimentais. Trata-se de um estudo de caso, ancorado na análise de produção, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo independente; Comunicação Popular; Folkcomunicação; Jornalismo local e regional.

### **INTRODUÇÃO**

Entre a cobertura noticiosa mais cosmopolita das grandes metrópoles brasileiras e a escassez e/ou inexistência de profissionais e informação nos chamados desertos de notícia (Atlas da Notícia), é preciso localizar práticas de um Jornalismo Regional e Local que se desenvolvem no agendamento social de pautas (assuntos) que expressam as particularidades geográficas de uma dada localidade ou regionalidade. A referência

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT 3: Folkmídia e Processos Midiáticos, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Jornalismo da Unemat. Contato: e-mail:maria.terezal@unemat.br

<sup>3</sup> Estudante do curso de Jornalismo da Unemat. Contato: e-mail:julian.sousa@unemat.br

<sup>4</sup> Jornalista, Assessor em Comunicação e Editor Científico. Professor-Adjunto do curso de Jornalismo / Campus Tangará da Serra e Coordenador das turmas de Jornalismo / Núcleo Pedagógico de Rondonópolis. Diretor Centro-Oeste da Rede Folkcom. Contato: e-mail: lawrenberg@unemat.br

inicial aqui reflete para outras rotinas de produção, circulação e consumo de notícias. Primeiramente reconhecendo uma dificuldade natural da imprensa tradicional em atender com profundidade todo o território brasileiro, considerando desde a questão logística, de infraestrutura tecnológica a aspectos mais empíricos de formação profissional, no seu tensionamento com perfis clássicos de atuação e relacionamento com informação jornalística. Depois ao observar que muitas vezes essas comunidades mais distantes acabam buscando canais, fontes/sujeitos e meios alternativos de informação, abrindo espaço para uma cobertura jornalística com uma identidade mais local e regional.

Conforme a pesquisadora Cecília Peruzzo (2005), as práticas de Jornalismo local e regional vão adquirir uma certa importância mercadológica a partir da dificuldade das grandes praças não conseguirem dar conta de noticiar com a devida profundidade e abrangência todas as regiões e cidades. Trata-se de uma maior interiorização das produções midiáticas de massa, apontados por alguns estudiosos em comunicação como reflexo da descentralização econômica do Brasil, principalmente na década de 1990 (Fadul, 2006; Peruzzo, 2005).

Ao mesmo tempo, no âmbito de uma cobertura jornalística mais local é possível registrar uma forma de atuação de Jornalismo e de jornalistas mais próxima da realidade cotidiana de muitas camadas populares das cidades interioranas, com formatos, linguagens e modos de noticiar que apontam para particularismos e singularidades culturais. Deste modo, anotando as características do que Luiz Beltrão vai denominar de folkjornalismo.

Não se limita ao acontecimento em si mas também àquelas ver sões, rumores, ideais que cor rem sobre ele. Exagera, carrega nas tintas, acrescenta ou reduz a ocorrência, buscando dessa for ma melhor sensibilizar seu público. Não se trata porém, de um processo de deformação, mas de um meio de adequar a informa ção à mentalidade do receptor. É um trabalho jornalístico de paixão, de calor, de integração com o pensamento e as necessidades do público. Daí sua popularidade, a sua aceitação (Beltrão, 2001, p. 258)

Em se tratando da cidade mato-grossense de Tangará da Serra, localizada a 240 km da capital Cuiabá, pensar o jornalismo local e mais especificamente práticas de folkjornalismo implica reconhecer o esforço não somente de profissionais jornalistas em desenvolver uma linguagem mais singular em textos de reportagem e notícias, mas em

verificar em que medida a produção noticiosa-laboratorial do curso local de Jornalismo sinaliza para canais de informação menos hegemônicos.

Considerada a 6ª cidade mais populosa do estado do Mato Grosso (IBGE 2024), com mais de 100 mil habitantes, Tangará da Serra atualmente possui seis emissoras de televisão – TV Centro América (afiliada da TV Globo), Bem TV (afiliada do SBT), TV Cidade Verde, TV Vale (afiliada da Record), TV Viva (TV Nazaré) e TV Cachoeira (TV Novo Tempo) –; quatro emissoras de rádio – Rádio Band FM (92.1), Rádio Gazeta (98.9), Rádio Serra (104.9) e Rádio Tangará (104.3) –; além de um jornal impresso de circulação diária – jornal Diário da Serra. Neste cenário midiático, registra um curso de bacharelado em Jornalismo pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), em funcionamento desde 2017 e um Projeto Pedagógico que, além de apresentar uma proposta de formação crítica e humanística (predominância de disciplinas em Ciências Humanas e Sociais), mostra-se identificado com o que preconiza um Jornalismo mais local e contrahegemônico.

Nessa perspectiva de formação profissional, um grupo de estudantes do curso de Jornalismo criou um blogue jornalístico intitulado Fuzuê<sup>5</sup>, em 2019. Inicialmente com objetivo de fomentar a produção textual entre os estudantes, principalmente em jornalismo literário, ao abrir espaço para reportagens, crônicas, artigos e breves ensaios. Contudo, com o tempo, essa produção em caráter experimental adquiriu mais relevância e amplitude social. Assim como uma proposta de Jornalismo mais inovador diante dos principais canais de informação da localidade, mesclando um pouco de vanguardismo e uma narrativa mais popular e criativa. Uma proposta de folkjornalismo, sob a hipótese da produção laboratorial de acadêmicos apontar para outras condições de “intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa” (Beltrão, 2001, p.79).

## **O FUZUÊ: DA SALA DE AULA PARA NOVOS HORIZONTES JORNALÍSTICOS**

Funcionalmente falando, o Fuzuê é um blog hospedado gratuitamente no site wix.com. O espaço virtual e canal jornalístico foi idealizado como um projeto acadêmico

---

<sup>5</sup> A publicação pode ser acessada através do link: <https://bloguefze.wixsite.com/ofuzue/etnoturismo>

independente por dois estudantes do curso de jornalismo da Unemat do Campus de Tangará da Serra, Julian Sousa e Ilgner Cursino, em meados de 2019. Só em março de 2023, no entanto, que O Fuzuê realizou a primeira publicação, mais precisamente em 15 de fevereiro daquele ano, e não parou desde então. A intenção do blogue é que fosse um ambiente virtual capaz de comportar textos enviados pela comunidade do Campus, como notícias relacionadas ao curso de Jornalismo e à Unemat, além de artigos, contos, crônicas, ensaios, poemas; não por acaso, fazendo os assuntos se bifurcarem em duas vertentes: Jornalismo e Literatura. Enfim, uma “vitrine” de textos dos e para os estudantes.

Sem uma periodicidade convencional, uma vez que as postagens dependem da disponibilidade dos estudantes gestores, foi definido que o espaço não seria de uso restrito desses idealizadores. Os estudantes do curso de Jornalismo podem “treinar” as suas habilidades com a redação jornalística e expor sua produção literária. No caso da produção jornalística, além da escrita do texto, entram nessa proposta de “treino” a revisão e edição textual, incluindo elementos multimidiáticos complementares às notícias e reportagens, sendo os mais comuns a fotografia, o áudio e o vídeo.

Atualmente, O Fuzuê publica 13 gêneros, sendo eles: Nota, a notícia, a reportagem, a entrevista, o artigo, o release, a resenha de cinema e a resenha literária, o edital e o ensaio fotográfico; conto, crônica e poesia completam os gêneros literários. Devido a esse leque de gêneros, o blogue recebeu textos de dois públicos: jornalismo e literatura dos acadêmicos do curso de Jornalismo; e literatura, apenas, dos acadêmicos dos demais cursos do campus. Dessa forma, estende à toda a comunidade do campus a possibilidade de ocupar o espaço com a sua produção textual.

Em setembro de 2024, estudantes de Jornalismo venceram a etapa estadual da 11ª edição do Prêmio Sebrae de Jornalismo, com uma reportagem multimidiática publicada exclusivamente no Fuzuê, intitulada “Turismo de Saberes: conhecendo a cultura do outro como forma de lazer”\*, produzida por Arlânio Freitas da Silva, Jadielly Pinheiro dos Santos, Julia Ribeiro Bezerra, Lescar Victor Artioli, Maria Heloisa Soares de Oliveira, Noé Kevelen Massaroli e Ryan Chagas da Cruz, orientada pela profª Amanda Noletto.

## **FOLKCOMUNICAÇÃO E JORNALISMO INDEPENDENTE DO BLOGUE FUZUÊ**

Jornalismo como prática social é um dos pilares que os autores Dornelles e Martins nomearam para referenciar as práticas de Folkjornalismo. A diferenciação não seguiria padrões hegemônicos de produção e não estaria voltado ao público de maiores poderes aquisitivos, desenhados A e B pelos autores, mas sim, seguindo os mesmos princípios de Nelson Traquina (2008) para a noticiabilidade numa perspectiva plural para populações marginalizadas.

O que importa para essa gente é ver um simulacro do seu cotidiano impresso nas páginas do jornal com o qual se identifica. É uma necessidade de participação na história mundana tecida diariamente e que proporciona um mesmo repertório de sentidos para conversação e localização como ser no mundo (Dornelles e Martins, 2015, p. 169).

Em certa medida, o folkjornalismo é a junção do conhecimento profissional e o lúdico, entre a cultura de massa e popular. Trata-se da mistura da engrenagem e dos múltiplos processos de mediação que fazem a roda girar, assim por dizer. O jornalismo vanguardista, como identificou Beatriz Dornelles e Marcel Martins (2015), está inserido em folkcomunicação - se pensarmos como a representação de um público seletivo - a comunicadora ainda defende o público-alvo do folkjornalismo como o folclórico, fazendo referência à cultura popular. No Fuzuê essa tradução se dá a partir das experiências dos estudantes-moradores a partir da visão e aproximação com a cultura local, conectando o repertório acadêmico, a lógica técnica-midiática e as vivências comunitárias. O blogue se torna um registro histórico-participativo, onde a linguagem de aproximação e a relação pessoal constroem sentidos e fideliza os mais diversos leitores.

Destacamos também que o blogue se torna uma mídia popular independente, onde há partilha mais democrática e pluralização de ideias e saberes. Portanto, na contramão da linha editorial dos principais canais de informação da localidade, onde ainda imperam o interesse das principais oligarquias de Tangará da Serra.

Numa aproximação do conceito de folkjornalismo com o de grupos culturais marginalizados (Beltrão, 1980), podemos afirmar que a gestão do blogue Fuzuê constitui uma ação de resistência política, uma vez que articula falas e modos de fazer jornalístico

que buscam sintonizar justamente aquelas vozes silenciadas pelos grandes conglomerados de mídia do local. Em alguma medida, o blogue se torna um canal de comunicação para um modo de fazer jornalismo considerado culturalmente marginalizado. Conforme Beltrão (1980, p. 103), o ativismo de um grupo cultural marginalizado pode ser caracterizado por sua oposição a um modelo vigente dominante, assim como uma prática contestatória.

Muito mais do que um projeto laboratorial de jornalismo digital, o Fuzuê precisa ser interpretado em sua potência subversiva aos velhos modelos de Jornalismo e Gestão de Mídia, controlados por famílias influentes econômica e politicamente de uma dada localidade/região. Neste sentido, discute-se não somente uma linha editorial, modo de fazer Jornalismo e inclusive modelos de financiamento mais alternativos, mas também se enfatiza a necessidade de um movimento de resgate de valores ontológicos perdidos pelo jornalismo em sua fase mais industrial e mercadológica. Portanto, quando iniciativas experimentais e folkjornalistas como blogue Fuzuê devem despertar, hipoteticamente falando: um novo espírito tanto para o campo profissional que se desenvolve no interior do Brasil, quanto para a opinião pública em geral que sempre buscou se informar pelos jornais.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Embora pareça recorrente na obra de Luiz Beltrão e do próprio campo da Folkcomunicação, o termo folkjornalismo ainda é pouco explorado, com poucas citações. Entre as definições nas literaturas científicas pesquisadas, notamos uma certa predominância associativa aos termos vanguarda e popular, não por acaso. No primeiro termo, a referência é para um modo mais singular de fazer jornalismo, o que nos permite categorizar as experiências do Fuzuê como um projeto vanguardista em se tratando do jornalismo local de Tangará da Serra. Enquanto no segundo termo, o popular diz mais sobre o perfil de interlocução e do público-consumidor das informações, numa definição de popular que transita entre as culturas acadêmica e comunitária, mas também entre as relações socioeconômicas e socioculturais ditas formais com suas versões mais informais.

Dito isso, o presente trabalho pretende reiterar a importância de ampliar a conceituação e o debate acerca de folkjornalismo no Grupo de Trabalho Folkmídia e Processos Midiáticos, a fim de sugerir novos tópicos teóricos da Folkcomunicação no ementário e currículos dos cursos de Jornalismo do Brasil, a se considerar que ainda a influência funcionalista norte-americana e estruturalista europeia permanecem fortes como literatura forânea.

Também é válido destacar o caráter colaborativo do blogue Fuzuê, no caso, como característica importante a ser destacado nas práticas folkjornalistas no âmbito da internet. A produção colaborativa enriquece o potencial das obras lá expostas, visto que há uma pluralidade de assuntos, perspectivas e formatos. Há espaço para áudios, ebooks, artigos, resenhas, vídeos. Um lugar confortável para estudantes exercitarem desde o primeiro semestre e acompanharem sua evolução ao longo da graduação, mas também para o campo profissional passar a refletir sua prática em sua dimensão mais criativa, orgânica.

Diante de tais discussões, podemos destacar o Fuzuê como o portal independente de jornalismo local e sobretudo de folkjornalismo na intersecção entre o imaginário acadêmico de dimensão mais experimental e as contradições das relações comunitárias de imprensa. E de modo mais aprofundado, refletir para uma virtualidade pedagógica potente e mais intervencionista na realidade profissional vivida. Tanto quanto premissa que atesta sobre a dimensão política da Folkcomunicação diante dos problemas do local no mundo globalizado, quanto contribuição relevante para a valorização do campo profissional e de ensino de Jornalismo no interior do Brasil. Afinal de contas, essa virtualidade pedagógica deve se estabelecer

como problematizadora mais de questões humanas e sociais de uma sociedade que se pretende moderna e contemporânea do que operacional e tecnológica, comuns nas relações de trabalho do mercado das mídias. Ou seja: uma condição mais política e “tática” do que acadêmica, mas, não por acaso, consciente do lugar a ser assumido pela (Folk)comunicação ante a reprodução de estruturas colonizadoras no âmbito de espaços onde o conhecimento e a cultura sempre foram emancipadores. (Silva apud Schmidt, Hohlfeldt, Mergulhão, 2022, p. 159)

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001

DEOLINDO, Janaína. **O negócio da mídia no interior**. Editora Appris: Curitiba, 2019.

DORNELLES, Beatriz e MARTINS, Marcel. **O folkjornalismo como prática profissional: um modo de ação na imprensa popular e na imprensa vanguarda** (2015). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p162/29594>. Acessado em 22/07/2025.

Fadul, Anamaria. **Mídia Regional no Brasil: elementos para uma análise**. In A. Fadul & M. C G (Orgs.), *Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática*. Arte & Ciência: 2006.

Os outros no jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, [S. l.], v. 14, n. 33, p. 20–33, 2024. DOI: 10.46952/rebej.v14i33.1193. Disponível em: <https://www.rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/1193>. Acesso em: 22 jul. 2025.

PERUZZO, Cecília m. krohling. *Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária*. 2003, Belo horizonte- MG. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/99061099541813324499037281994858501101.pdf>  
PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências*. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

Saiba quais são os municípios mais e menos populosos de MT em 2024, segundo o IBGE. **G1- MT** [online], Mato Grosso, 29 de agosto de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/08/29/saiba-quais-sao-os-municipios-mais-e-menos-populosos-de-mt-em-2024-segundo-o-ibge.ghtml> . Acesso em: 22/07/2025.

SILVA, Lawrenberg Advíncula da. **Folkcomunicação, Grupos Marginalizados e Realidade Social Brasileira: Um Debate Sobre A Abrangência Sociopolítica Do Pensamento De Beltrão**. In: SCHMIDT, Cristina; HOHLFELDT, Antonio e MERGULHÃO, Eliane (Orgs). *A Comunicação dos Marginalizados nas rupturas democráticas*. Porto Alegre : ediPUCRS, 2022.

SOUSA, Julian. Alunos da Unemat vencem Prêmio Sebrae de Jornalismo com reportagem sobre Aldeia Formoso. **Ô fuzuê** [online], Mato Grosso, 25 de setembro de 2024. Disponível em: <https://bloguefze.wixsite.com/ofuzue/post/alunos-da-unemat-vencem-pr%C3%A0mio-sebrae-de-jornalismo-com-reportagem-sobre-aldeia-formoso> . Acesso em: 22/07/2025.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2008